

CRISTIANISMO CONSERVADOR: uma reflexão sobre a religião como aparato do Bolsonaroismo

Conservative Christianity: a reflection on religion as an apparatus of Bolsonaroism

Eduardo da Silva Melo*

<https://orcid.org/0000-0001-5990-1127>
Universidade Federal de Sergipe, Brasil
eduardomelo.ser@hotmail.com

Artículo recibido 19/07/2021

Artículo aceptado 27/11/2021

RESUMO

Desde as eleições presidenciais de 2018, o Brasil vive um cenário de fortes e violentas irresponsabilidades, de desinformação e desserviço, tendo se agravado o espetáculo da necropolítica com o advento da pandemia do novo coronavírus (Sars-Cov-2) causador da covid-19. O Presidente da República e seus apoiadores empreenderam esforços para destruir, em nome de Deus, uma estrutura estatal, as minorias sociais, os trabalhadores e os pequenos comerciantes. Nesse sentido, este artigo se propõe a refletir e nortear o debate acerca da utilização do nome de Deus na promoção da necropolítica a partir do Estado brasileiro, tendo como pano de fundo uma teologia-neofascista. Sem pretender exaurir a temática, o texto presente, com base em

*Especialista em Gestão de Cidades e Políticas Públicas. Pós-graduado em Docência do Ensino Superior. Bacharel em Serviço Social. Graduado em História. Tecnólogo em Gestão Pública.

bibliografias – livros, artigos científicos, matérias jornalísticas, dentre outras produções – que versam sobre a temática, leva a pensar o quanto, nos últimos dois anos, o Brasil tem sido palco de uma horrenda participação de atores insensíveis ao direito à vida. Propõe-se, assim, chamar os leitores ao debate acerca da implementação nefasta de um projeto de poder que produz a necropolítica. Nesse projeto, o nome de Deus é usado como um importante e eficiente instrumento político.

PALAVRAS-CHAVE: Eleições. Pandemia. Necropolítica. Deus.

ABSTRACT

Since the 2018 presidential elections, Brazil has been experiencing a scenario of strong and violent irresponsibility, misinformation and disservice, with the spectacle of necropolitics having worsened with the advent of the new coronavirus pandemic (Sars-Cov-2) that causes covid-19 . The President of the Republic and his supporters undertook efforts to destroy, in the name of God, a state structure, social minorities, workers and small traders. In this sense, this article aims to reflect and guide the debate about the use of the name of God in the promotion of necropolitics from the Brazilian State, against the backdrop of a neo-fascist theology. Without intending to exhaust the theme, the present text, based on bibliographies - books, scientific articles, journalistic articles, among other productions - that deal with the theme, makes you think how much, in the last two years, Brazil has been the stage of a horrendous participation of actors insensitive to the right to life. It is proposed, therefore, to call readers to the debate about the nefarious implementation of a power project that produces necropolitics. In this project, the name of God is used as an important and efficient political instrument.

KEYWORDS: Elections. Pandemic. Necropolitics. God.

INTRODUÇÃO

O ponto inicial da presente reflexão deriva de um conjunto de provocações feitas pela professora Dra. Maria Jeane dos Santos Alves e pelos alunos da disciplina Estudos em Ciências da Religião Aplicadas I, do Programa de Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Federal de Sergipe – UFS –, no qual o autor esteve matriculado como aluno especial, entre os meses de março a agosto o ano letivo de 2021.1.

Por meio do presente escrito e tendo por base uma pesquisa bibliográfica, é possível refletir, sem exaurir a temática, sobre o quanto, o Brasil tem sido palco de uma horrenda participação de atores insensíveis ao direito à vida, nos últimos dois anos. Nesse contexto, o Deus dos cristãos foi (e tem sido) muito utilizado nas falas públicas de candidatos a cargos eletivos, em suas campanhas.

A comunidade cristã, foi instigada pela ala conservadora brasileiras, a votar em candidatos que se identificassem com a bandeira de luta das Igrejas que apoiam o Governo atual. Para se ter uma ideia, mais de oito mil candidatos usaram títulos religiosos no nome de urna, nas Eleições de 2020. Isso reforça o fortalecimento de uma agenda conservadora na política brasileira e auxilia na compreensão de como isso colaborou para a eleição de Jair Messias Bolsonaro, afinal, cerca de 20 milhões de pessoas que se declararam evangélicas, por exemplo, votaram no Capitão reformado (SOUZA, 2020).

Quando se iniciou a pandemia do novo coronavírus (Sar-cov-2), causador da Covid-19 – doença contagiosa chamada COVID-19 que tem como manifestações clínicas mais frequentes: dor, febre, coriza, fadiga, tosse seca – dentre outros – podendo evoluir para um quadro de insuficiência respiratória aguda, levando o infectado à morte –, o Presidente da República, por exemplo, minimizou os riscos da doença, incitou seus apoiadores a realizar manifestações, promoveu aglomerações, discursou a favor de tratamento não eficazes, deixou de cuidar da segurança alimentar e nutricional dos que ficaram sem renda e/ou sem emprego formal, criando, assim, instabilidade política constante a partir de seus controversos posicionamentos.

Esse negacionismo persistente de Bolsonaro refletiu na política do Estado, fazendo com que houvesse retardamento, vagarosidade e

trocas de ministro da saúde que afetaram gravemente a gestão da crise sanitária que o mundo enfrentava.

Nesse sentido, implantou-se uma forma de governar que não serve ao povo, mas busca legitimar-se sobre o autoritarismo e a capacidade de descartar seres humanos como se fossem lixo. O Presidente ainda, estimulou seus apoiadores a atacarem as instituições democráticas (Supremo Tribunal Federal, Congresso Nacional), à mídia, aos LGBTQIA+, à ciência, etc. Ele divulgava remédios e tratamentos sem eficácia comprovada contra a doença, questionava o uso das vacinas e chegou a fazer pouco caso do número de vítimas fatais da pandemia.

As elites brasileiras são, também, sustentáculos para a necropolítica do Governo atual. Elas buscaram defender o isolamento vertical como forma de manter os trabalhos dos que sustentam suas riquezas. A quase inércia do Poder Executivo, para criar estratégias que mitigassem os danos sofridos no âmbito econômico e principalmente, à vida dos cidadãos – especialmente os da classe trabalhadora, negra e pobre – revelou, de modo mais claro, o caráter necropolítico do governo.

O período pandêmico passou a ser tratado como provação de Deus para a humanidade, no intuito de que ela se purificasse dos seus pecados. O discurso político-cristão passou a ser a explicação dos trágicos acontecimentos advindos desse momento. Isso evidenciou o quão forte é a influência dos conservadores no que se refere à validação moral da necropolítica do governo de extrema-direita promovida por Jair Messias Bolsonaro.

Assim, o texto em tela, medita e chama os leitores a um debate sobre a implementação nefasta de um projeto de poder que, não obstante seu caráter messiânico, encaixa-se numa teologia que promove a necropolítica. O nome do Deus cristão é, nessa configuração, usado como instrumento político (neofascista) de manutenção da ordem desejada pelos que oprimem o povo.

I. DEUS COMO PROPAGANDA PARA ANGARIAR VOTOS

Não é novidade que o Deus cristão, seja utilizado nos discursos dos candidatos que desejam passar uma ideia de credibilidade e honestidade junto aos eleitores. Uma outra tendência entre os candidatos é adotar títulos religiosos como nome de campanha. Em 2020, mais de oito mil candidatos usaram esses títulos em seus nomes de urna.

Entre os títulos, o mais utilizado é o de pastor/pastora, com mais de 51% dos casos (4.426), seguido por irmão/irmã, com 41% (3.561). Como concentram a maior parte das candidaturas, os postulantes ao cargo de vereador apresentam também o maior número de títulos religiosos. Na sequência, aparecem os candidatos a vice-prefeito e, por último, os candidatos a prefeito (G1, 2020, s/p).

O bolsonarismo, aderindo a essa tendência– não por outro motivo se deu a escolha do lema da campanha presidencial em 2018: BRASIL ACIMA DE TODOS, DEUS ACIMA DE TUDO – sinalizou abertamente para os cristãos conservadores, buscando seu apoio.

A frase é uma referência ao brado da Brigada de Infantaria Paraquedista do Exército criado no final da década de 1960. Segundo o coronel Fernando Montenegro, “[na] saudação ao entrar nas unidades paraquedistas se dizia ‘BRASIL’ e a Guarda respondia ‘ACIMA DE TUDO’ [...] via-se estampado em várias paredes e documentos essa frase, que na época não tinha nada de slogan político [...]” (MONTENEGRO, 2018, s/p). Críticos do governo dizem que o Presidente Jair Bolsonaro, parece desejar reivindicar para si, “o mito medieval do herói branco que promove a cristianização e a civilização” (LOPES, 2020, s/p), por meio do seu slogan de campanha.

Ao debater essa questão se pretende entender como o projeto reativo de dominação da esfera pública por parte de grupos religiosos se alinhou com figuras não propriamente religiosas para alcançar proeminência. O que fez com que Bolsonaro, embora não seja nenhum exemplo de retidão moral cristã, tenha sido escolhido como o candidato desses grupos religiosos [...]. Esse processo criou uma relação simbiote entre votos religiosos, apoio na construção de uma base parlamentar e a projetos moralistas de dominação política (SOUZA, 2020, p.92).

Essa teoria revela-se pano de fundo para a (re)construção e o fortalecimento de uma agenda conservadora na política brasileira. Nesse diapasão, pode-se retomar o debate em torno das questões que entrelaçam religião e política no contexto brasileiro atual e como isso afeta o papel e o funcionamento do Estado. De acordo com Fábio Py, teólogo protestante-evangélico e professor do Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais da UENF,

A doutrina da fé bolsonarista se conecta diretamente com uma nuvem densa de religiosos e cristianismos hegemônicos que sustentam o maquinário de sua gestão cristofascista. No apoio desse maquinário que tomou o Estado brasileiro se tem pelo menos três grandes pilares de intelectuais teológicos: a primeira dos pentecostais ligados a teologia da prosperidade que enchem o governo de expressões diárias de fé; a segunda aresta, os protestantes tradicionais (principalmente batistas e presbiterianos) que salpicam Bolsonaro com brindes teológicos do naipe de “eleito para governar a nação”; e a terceira tem “longa duração” como a espinha dorsal que estruturou o Brasil, o catolicismo conservador (PY, 2021, s/p).

É preciso compreender a importância dos grupos religiosos conservadores para a eleição de Jair Messias Bolsonaro. Ele faz questão de manter a boa relação com este segmento religioso, especialmente com a Frente Parlamentar Evangélica no Congresso Nacional (que na sua ampla atuação congrega evangélicos e católicos).

Os analistas também apontam que o apoio dos evangélicos - que hoje somam 30% da população brasileira - foi decisivo para a eleição de Bolsonaro [...]. Porém, neste caso, trata-se especialmente dos **evangélicos que se abrigam debaixo do grande guarda-chuva do pentecostalismo, que reúne igrejas pentecostais, neopentecostais e renovadas, que juntas somam entre 70% e 80% do total dos evangélicos no Brasil.** Levando em consideração a variável religiosa, assinalamos que também foi **muito importante para a eleição de Bolsonaro os votos provenientes dos católicos, sobretudo dos simpatizantes da Renovação Carismática Católica, da Opus Dei, da Tradição Família e Propriedade e de outros movimentos conservadores** de orientação “pró-vida” e “pró-família” (MARIANO e GERARDI, 2019 apud ORO; ALVES, 2020, p.122-123) – grifos meus.

Os líderes de grupos rivais (IURD, Assembleia de Deus, Igreja Mundial do Poder de Deus, Internacional da Graça, Sara Nossa Terra,

Deus é Amor, vertentes conservadoras da Católica Romana, etc.) se uniram em torno da sua candidatura. Dos aproximadamente 57 milhões de votos que o capitão reformado recebeu, cerca de 20 milhões foram de pessoas que se declararam evangélicos. Isso representa, segundo Sales e Mariano (apud SOUZA, 2020), um percentual de mais ou menos 11 milhões de votos a mais para Bolsonaro do que a porcentagem alcançada por Fernando Haddad, entre os evangélicos, o que pode sinalizar para uma,

emergência de grupos religiosos com influência na disputa por espaço na política, sobretudo grupos evangélicos que [...] se aliaram a grupos da 'nova onda conservadora' para disputar cadeiras no legislativo, bem como, auxiliar na eleição de Jair Bolsonaro como a presidência em 2019 (SOUSA; VETTORASSI; ANDRADE, 2021, p. 118).

Nos últimos dois anos, o Brasil tem sido palco de uma horrenda participação de atores insensíveis ao direito à vida. Nesse contexto, o Deus dos cristãos foi (e tem sido) muito utilizado nas falas públicas dos candidatos a cargos eletivos, no período de campanha. Vale destacar que a aproximação de Jair Bolsonaro com esse público – determinante para sua vitória em 2018 – só se deu (fortemente) em 2011, quando tornou-se oponente ferrenho de Dilma Rousseff. Seu ódio foi externado publicamente e com requintes de crueldade na votação pelo impeachment¹ de Dilma. Disse ele:

Nesse dia de glória para o povo brasileiro, tem um nome que entrará para a história nessa data pela forma como conduziu os trabalhos dessa Casa. Parabéns presidente Eduardo Cunha. Perderam em 64, perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve. Contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo, **pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff**. Pelo Exército de Caxias, pelas nossas Forças Armadas, por um Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim (BOLSONARO, 2016 apud PODER360, 2021a, s/p) – grifos meus.

¹ Leia em

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil>.

Nesse mesmo período, o então deputado, liderou a oposição ao Projeto Escola sem Homofobia (que os grupos reacionários religiosos passaram a chamar de ‘Kit Gay’). Bolsonaro reverberava o discurso conservador de que o referido projeto “ensinaria a homossexualidade, a promiscuidade e a pedofilia” nas escolas (LACERDA, 2020, p.294 apud SOUZA, 2020, p.94). Inebriado em escândalos diversos, e temendo obstruções de votações no Congresso, o governo Dilma cedeu às pressões da bancada evangélica e desistiu de realizar, nas escolas, o Projeto Escola Contra a Homofobia.

Mas é importante salientar que Jair Messias Bolsonaro não se enquadra muito bem em alguns aspectos do perfil desejado pelos conservadores: se define católico (apesar de ter sido batizado pelo pastor evangélico Everaldo² em 2016), é casado com uma evangélica e tem divórcios registrados na sua trajetória de vida. Bolsonaro tampouco se encaixa no grupo dos cristãos mais progressistas, por defender a tortura, pregar ações de violência, apoiar comportamentos intolerantes, etc.

[...] com o seu batismo no rio Jordão, em Israel, realizado pelo pastor da Assembleia de Deus Everaldo Dias Pereira, candidato a presidente do Brasil nas eleições de 2014 e presidente do Partido Social Cristão (PSC). Mas, foi durante a campanha eleitoral de 2018 que Bolsonaro estreitou relações com parcela do segmento evangélico (ORO; ALVES, 2020, p.124).

Pode-se dizer também, que as transformações sociais ocorridas desde o levante popular em 2013³, deram uma guinada no Brasil. De alguma forma, os grupos religiosos conservadores saíram em destaque e puderam promover uma nova identidade,

² Everaldo Dias Pereira, nascido no Rio de Janeiro em 22 de fevereiro de 1956. Além de pastor, ele é empresário e político. É um importante nome da igreja Assembleia de Deus e presidente do Partido Social Cristão (PSC), pelo qual foi candidato ao cargo de presidente da República nas eleições de 2014. Em 28 de agosto de 2020, Everaldo foi preso por determinação do Superior Tribunal de Justiça, sob acusação de corrupção e lavagem de dinheiro. (As informações estão na Wikipédia) - https://pt.wikipedia.org/wiki/Pastor_Everaldo.

³ Leia mais em <http://www.ihu.unisinos.br/185-noticias/noticias-2016/551733-0-levante-de-junho-de-2013-e-a-ocupacao-de-escolas>.

a partir da qual procuraram assegurar a coesão, o compromisso e o engajamento de seus membros, visibilizar suas causas e enfrentar o que compreendem, genericamente, como decadência e afronta moral e ameaças à sua religião, à sua liberdade e a seus valores (MARIANO, 2016, p.10 apud SOUZA, 2020, p.95).

Essa nova configuração identitária, retira a imagem do crente que não se envolve com “as coisas do mundo” (inclusive a política). O que se percebe é a mudança do discurso e a incorporação de elementos da modernidade que provocam uma mudança radical na identidade desse grupo, levando à ideia de que “irmão votar em irmão”, pois, dessa forma, a Terra voltaria a ser um paraíso.

Além disso, os mecanismos oferecidos pela Teologia da Prosperidade⁴ e a Doutrina da Guerra Espiritual⁵ contra o inimigo de Deus (o Diabo), “ajudam a legitimar a participação das lideranças evangélicas na arena política” (NETO, 2017, p.06 apud SOUZA, 2020, p.96). Nesse sentido, o ideal de cristandade é traçado com base numa narrativa que tem, ao centro, o cristão conservador, “que prefere candidatos do espectro de direita. Essas qualidades são elencadas como cruciais para a adequação do cristão [...] enquanto eleitor. Aqui é apontado um único caminho que perpassa o aspecto político e religioso dos fieis” (SOUZA; VETTORASSI; ANDRADE, 2021, p.121).

Para o teólogo protestante, Fábio Py, o uso da linguagem cristã e a apropriação dessa expressão de fé sustenta-se sobre um ‘maquinário político sócio-religioso’ composto, especialmente, por Edir Macedo, Silas Malafaia, R. R. Soares e Valdomiro Santiago. Segundo o estudioso, a partir dessas relações, o presidente instituiu uma forma de governar o país baseada no fundamentalismo religioso que pratica o ódio aos diferentes.

De acordo com o pesquisador, Silas Malafaia, pastor pentecostal da Assembleia de Deus, embora seja um “agente quase desprezado” nas análises sobre o bolsonarismo, é não só o principal articulador do

⁴ No século XIX, surgiu nos Estados Unidos uma corrente teológica cujo eixo central era a comercialização da fé em Cristo, baseada na distorção dos ensinamentos bíblicos (CARTA CAPITAL, 2020).

⁵ Veja em: <https://sul21.com.br/opiniaio/2019/11/teoria-da-prosperidade-e-guerra-espiritual-para-exorcizar-os-demonios-da-america-latina-por-sandra-bitencourt/>.

presidente no meio religioso, como alguém que tem o potencial de atrair para a base bolsonarista um público que ainda está distante: os jovens. No evento The Send Brasil, que é uma reaproximação dos movimentos evangélicos do sul dos EUA com o Brasil, Malafaia foi um dos pregadores e Bolsonaro também participou. Este é um evento de renovação espiritual dos jovens brasileiros e ocorreu em três grandes estádios, em três regiões do Brasil, simultaneamente, com mais de cem mil jovens. Imagine o poder desse movimento. Na fala de Malafaia, enfatizou-se que os jovens não deveriam perder de vista a importância de seguir o evangelho de verdade, não se curvando aos humanismos e aos esquerdismos das universidades do Brasil. Fábio Py interpreta a presença do bolsonarismo entre evangélicos e católicos conservadores como uma consequência do afastamento e da recusa de incluir a religião no debate público. A aproximação destes grupos com Bolsonaro, [...] pode ser compreendida como um ‘pagamento da falta de diálogo’, pois a esquerda e grupos de reflexão mais crítica quase sempre desprezaram a religião e, principalmente, os setores evangélicos. Eles são tratados quase sempre como manipulados ou dentro do esquema do senso comum (FACHIN; SANTOS, 2020, s/p).

Com esse novo entendimento, as camadas da população brasileira dita conservadoras elegeram congressistas que se identificam com a fé cristã (principalmente em 2018), ano em que houve um aumento de 11% nas candidaturas religiosas no país. Isso tem a ver com, pelo menos, dois fatores: “[...] a sensação de [...] imoralidade que foi construída aos constantes escândalos de corrupção [...] do PT. [...] pauta lançada pela própria bancada evangélica e sua reação as medidas progressistas encaminhadas pelas administrações de Lula e Dilma (SOUZA, 2020, p.97). Silas Malafaia, por exemplo, falando sobre o que ele denominou de esquerdopatas, disse: “essa gente precisa ser varrida pelo viés legal. Povo evangélico vamos orar para Deus nos livrar, pois isso é uma praga na sociedade brasileira” (ARAGÃO, 2018 apud SOUSA; VETTORASSI; ANDRADE, 2021, p.128).

Percebe-se, portanto, que na perspectiva conservadora brasileira é urgente manter um pensamento e uma ideologia política que defenda a manutenção do modelo societário que está posto e se alinhe aos posicionamentos dos grupos (religiosos ou não) hegemônicos e mantenham as mesmas disposições no tangente a estrutura familiar, papéis de gênero, ordem social estabelecida pelo

Estado mínimo e assim por diante, sem, contudo, ser questionados pelos progressistas.

O apoio das lideranças religiosas conservadoras faz com que o presidente Bolsonaro ganhe também a simpatia dos que professam uma fé, principalmente os cristãos. Numa pesquisa realizada entre os dias 11 a 13 de outubro de 2021 pelo PoderData (divisão de pesquisas de opinião do jornal digital Poder360), onde se fez 2.500 entrevistas em 469 municípios nos 27 estados – com margem de erro de dois pontos percentuais, para mais ou para menos – conclui-se que “45% dos evangélicos e 26% dos católicos acham Bolsonaro ótimo ou bom” (BARBOSA, 2021, s/p). Isso reflete ainda, o uso ilegal dos templos para promoção política de candidatos.

A lei eleitoral proíbe qualquer doação ou colaboração de igrejas em campanhas. É vedado ‘receber direta ou indiretamente doação em dinheiro ou estimável em dinheiro, inclusive por meio de publicidade de qualquer espécie, procedente de entidade beneficentes e religiosas’. Fiéis de diversas denominações ouvidos por ÊPOCA relataram, porém, hostilidades em suas igrejas contra quem não votaria em Bolsonaro. Alguns líderes declararam voto no púlpito, o que é considerado abuso de poder econômico (O GLOBO-ÊPOCA, 2018, s/p).

Sobre os evangélicos é importante registrar que, das aproximadamente, 210 milhões de pessoas que moram no território brasileiro, se estima, que em 2020, 65,4 milhões se declararam evangélicas (Datafolha apud PY, 2020, s/p). Esse é o setor religioso em maior expansão nas últimas décadas, que dentre outros motivos, é causada pela força midiática das igrejas, dentre as quais: Igreja Universal do Reino de Deus, a IURD, do bispo-magnata Edir Macedo, a Igreja Mundial do Poder de Deus, do apóstolo Valdemiro Santiago, ou a Assembleia de Deus Vitória em Cristo (a ADVEC) do estriduloso milionário pastor Silas Malafaia. Segundo PY, na verdade, os evangélicos hoje,

[...] pagam pela impressão de serem meros súditos dessas figuras emblemáticas, como se essas grandes estruturas fossem as majoritárias ou se seus fiéis fossem simples massa de manobra hipnotizadas dos pastores. Contudo, na prática, se sabe que a maior igreja do setor é a Assembleia de Deus, seguida pelas Igrejas Batistas, ambas igrejas muito

comunitárias, pouco centralizadas, que nutrem baixas pretensão em termos políticos (PY, 2020, s/p).

Nesse sentido, Jair Bolsonaro serviu como uma espécie de “ímã de comunhão” entre as vertentes principais do conservadorismo (ou reacionarismo) brasileiro: os ultraliberais (na figura de Paulo Guedes), os lavajatistas (por meio de Sérgio Moro), o autoritarismo de setores militares e dos religiosos conservadores (sinalizados pela pastora/ministra Damares Alves). O atual Presidente do Brasil, trabalha, portanto, na manutenção desse conglomerado e na estabilidade do apoio deste ao seu governo (principalmente após a saída de Moro), ativando nos diversos atores que compõem o sentimento reacionário, servindo-se disso para ampliar seu prestígio frente aos liderados e para manter seu projeto de dominação. Outro ponto fundamental de sustentação do seu governo, são as polêmicas nas quais Bolsonaro se envolve, mostrando assim, de acordo com Dino (2020, p.67-68 apud SOUSA, 2021, p.12) que o presidente “precisa de confusão, violência, ódios, polarizações, porque não sabe gerir a máquina pública”.

2. A NECROPOLÍTICA EVIDENTE NA PANDEMIA

No final de 2019, na província de Wuhan (China), surge uma doença desconhecida que, até então, não se imaginava que fosse se proliferar tão rapidamente pelo planeta; mas, em janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) lançou um alerta de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional. Dias depois, Espanha, Itália e França já sofriam com a epidemia. Era questão de tempo até a doença chegar ao Brasil.

30 de janeiro de 2020 - A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou nesta quinta-feira (30), em Genebra, na Suíça, que o surto do novo coronavírus (2019-nCoV) constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII). Atualmente, há casos em 19 países, com transmissão entre humanos na China, Alemanha, Japão, Vietnã e Estados Unidos da América (OPAH, 2020, s/p).

O novo coronavírus (SARS-COV-2) é o causador de uma doença contagiosa chamada COVID-19 que tem como manifestações clínicas mais frequentes: dor, febre, coriza, fadiga, tosse seca – dentre

outros – podendo evoluir para um quadro de insuficiência respiratória aguda, levando o infectado à morte. Visando a proteção das pessoas, a OMS orientou o mundo todo a seguir alguns protocolos sanitários (lavar as mãos com água e sabão ou passar álcool 70º, manter-se distante de terceiros, usar máscaras, etc.) e diminuição dos impactos do vírus na saúde coletiva. O Conselho Nacional de Saúde, por meio da Recomendação nº 036, de 11 de maio de 2020, sugeriu “a implementação de medidas de distanciamento social mais restritivo (lockdown), nos municípios com ocorrência acelerada de novos casos de COVID-19 e com taxa de ocupação dos serviços atingido níveis críticos” (CNS, 2020, s/p).

Mas o número assustador de casos e mortes, que aconteciam numa velocidade absurda nos países que já haviam detectado o vírus, não parecia mobilizar qualquer ação por parte do governo brasileiro que viesse a preservar as vidas dos cidadãos do país. Ao contrário, o presidente preferiu pronunciar-se no sentido de amainar a importância do alerta da OMS e a desdenhar dos efeitos da doença, chamando-a de ‘gripezinha’⁶, o que foi negado posteriormente por ele: “a grande mídia falando que eu chamei de gripezinha a questão do Covid. Não existe um vídeo ou um áudio meu falando dessa forma” (BBC NEWS BRASIL, 2020). Mais à frente, percebeu-se que o negacionismo é a tônica do bolsonarismo: “não existe corrupção no Brasil, não existem queimadas na Amazônia, não existe o risco de uma pandemia [...] não existe racismo no Brasil” (SOUZA, 2020, p.90-91).

Desde o começo da pandemia, o país não desenvolveu uma estratégia coordenada e centralizada por parte do governo federal, pelo contrário, o Ministério da Saúde passou por duas trocas de ministro, o que reflete a falta de estabilidade da pasta e a falta de compromisso da presidência com a crise sanitária (SOUZA, 2021, p.13).

As frequentes e absurdas negações dos problemas sociais, culturais e econômicos que existem no país, ganharam enorme força e espalharam-se rapidamente entre os apoiadores do presidente, bem

⁶Ver:

<https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/03/24/interna_politica,1250005/ha-um-ano-bolsonaro-chamava-covid-de-gripezinha-em-rede-nacional-relembre.shtml>.

como passaram a afetar a vida dos brasileiros e brasileiras que (recebem) receberam uma enxurrada de *fake news* por meio das redes sociais. Além disso, os apoiadores se uniram a uma série de ataques aos cientistas, à imprensa, políticos e qualquer figura pública (ou não) que resolvesse se opor às insanidades ditas e realizadas no Palácio do Planalto e/ou nos arredores.

Em evento no Ceará, nesta sexta-feira (26), o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) voltou a criticar a decisão de governadores em adotarem medidas restritivas contra a Covid-19, com o fechamento de comércios e a suspensão de circulação em determinados horários. E afirmou que ‘governador que destrói emprego, deve bancar o auxílio emergencial’ (CNN Brasil, 2021, s/p).

Para o presidente Bolsonaro, os governadores e prefeitos que não apoiavam sua desastrosa política, eram tidos como inimigos. Ele também dizia que se a economia do país entrasse em colapso, isso mataria mais do que a Covid-19⁷.

Cabe aqui uma reflexão que Frantz Fanon (apud MBEMBE, 2016, p.13), faz acerca do *modus operandi* do necropoder, no processo de ocupação colonial, ele enfatiza que “a cidade do colonizado é uma cidade com fome, fome de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz”. No Brasil, “somados os que passam fome aos que padecem do que aqueles organismos internacionais classificam de insegurança alimentar moderada – ou seja, têm alimentação precária ou estão sob risco de não tê-la todos os dias – são 49,6 milhões de pessoas subnutridas. Em 2014 eram 37,5 milhões” (TCE/MS, 2021, s/p). Com isso, compreende-se o quanto o aparato estatal, mergulhado na lógica da necropolítica, age de modo totalmente relapso com a grande parcela dos que deveriam ser assistidos pelo Estado. A ‘política da morte’ (concreta ou simbólica), tem como fundamento “uma lógica capitalista na qual o sujeito [...], é visto como irrelevante socialmente, como apenas mais uma engrenagem do sistema [...] e, por isso, facilmente substituído” (GRISOSKI; PEREIRA, 2020 apud SOUSA, 2021, p.09).

⁷ Leia mais em <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,infelizmente-algumas-mortes-terao-paciencia-diz-bolsonaro-ao-pedir-o-fim-do-isolamento,70003250982>>.

Nesse aspecto, chama atenção para um modelo de Estado que não serve ao povo, mas busca legitimar-se sobre o autoritarismo e a capacidade de descartar seres humanos como se fossem lixo. É o Estado, portanto, quem determina quem vive e quem morre, baseando sua sentença num valor sobre os corpos que ele mesmo atribui, violando, dessa forma a dignidade da pessoa humana.

O Presidente ainda, estimulou seus apoiadores a atacarem as instituições democráticas (Supremo Tribunal Federal, Congresso Nacional), a mídia, as/os LGBTQIA+, a ciência, etc. Ele divulgava, constantemente, remédios e tratamentos sem eficácia comprovada contra a doença e “questionava a possível obrigatoriedade das vacinas [...] e afirmava que não era coeiro para se preocupar com o número de mortes” (SOUZA, 2020, p.91).

As elites brasileiras foram (são), também, sustentáculos para essa política do Governo atual. Elas buscaram defender o isolamento vertical⁸ como forma de manter os trabalhos dos que sustentam suas riquezas. Esse tipo de isolamento não é eficaz no combate a pandemia, pois “os idosos brasileiros, por exemplo, muitas vezes moram com crianças e, geralmente, são cuidados por alguém mais jovem [...]. Essa pessoa pode ser o vetor” (UOL, 2020, s/p).

‘O pico da doença [da covid-19] já passou quando a gente analisa a classe média, classe média alta. O desafio é que o Brasil é um país com muita comunidade, muita favela, o que acaba dificultando o processo todo’. A fala de Guilherme Benchimol, presidente da corretora XP, uma importante peça no mercado financeiro brasileiro — e um dos executivos mais engajados no movimento Não Demita, incentivando empresas a manter suas equipes durante a pandemia —, aconteceu durante uma transmissão ao vivo do jornal *O Estado de S. Paulo* nesta semana e causou uma enxurrada de críticas e revolta nas redes sociais. **Ao fatiar a gravidade da pandemia do novo coronavírus entre uma crise de pobres e outra de ricos, o bilionário mostrou a faceta mais caricata da elite brasileira, que se põe à parte frente aos mais de 8.500 mortos em decorrência da doença, o que coloca o país na 6ª posição em número de óbitos** (EL PAÍS, 2020, s/p) – grifos meus.

Quando a pandemia alcançou níveis absurdos no Brasil, sobrecarregando o sistema de saúde a ponto de colocar o país “em

⁸ Que tem por objetivo isolar apenas os grupos de risco da covid-19.

segundo lugar no número de mortes” (SOUZA, 2020, p.98), a saída era conter a propagação do vírus por meio de medidas sanitárias que, como consequência, deixariam a economia fragilizada em alguns setores. Desde que a Organização Mundial de Saúde decretou situação de pandemia, Jair Bolsonaro,

tem tratado a crise de saúde como se fosse apenas uma “gripezinha”, o que revela um total despreparo para a ocupação do cargo, mas, também, a implantação de uma política de banalização da morte – retrato de uma necropolítica, que é percebida nas falas do presidente, sendo uma delas: ‘Alguns vão morrer? Vão, ué. Lamento. Essa é a vida’, dita no dia 27 de março de 2020 (SOUZA, 2021, p.04).

O governo se mostrou lento e às vezes inerte, para criar estratégias que mitigassem os danos sofridos no âmbito econômico e principalmente, à vida dos cidadãos – especialmente os da classe trabalhadora, negra e pobre. Nesse momento revelou-se, de modo mais claro, o caráter necropolítico das medidas postas em prática por um dos poderes da República.

O negacionismo professado por Bolsonaro durante semanas fez com que o governo brasileiro tenha sido o último a anunciar medidas econômicas de apoio às famílias [...] estamos em um ritmo muito lento para dar uma assistência real à população mais vulnerável aos efeitos da crise, mesmo que o Congresso Nacional tenha aprovado com celeridade a Lei da Renda Básica” (DINO, 2020, p. 66 apud SOUSA, 2021, p.11)

Mais tarde, por meio de uma Comissão Parlamentar de Inquérito – CPI⁹ –, instalada no Senado por ordem do Supremo Tribunal Federal, apurou-se que existia no governo Bolsonaro, um projeto de poder genocida (ROSÁRIO, 2020).

O Plenário do Supremo Tribunal Federal (STF), por decisão majoritária, referendou liminar concedida pelo ministro Luís Roberto Barroso para determinar ao Senado Federal a instalação da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que tem como objeto investigar ações do governo federal no enfrentamento da pandemia do novo coronavírus (STF, 2021).

⁹<http://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=464162&ori=1>.

A CPI, recebeu pedido de parlamentares para ser prorrogada, pois havia entraves políticos muito grandes de aliados do presidente, para impedir a realização de investigações.

Os senadores Alessandro Vieira (Cidadania-SE) e Jorge Kajuru (Podemos-GO) recorreram, nesta segunda-feira (5), ao Supremo Tribunal Federal (STF) para garantir a prorrogação da CPI da Pandemia. Os parlamentares alegam que o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, descumpra o regimento da Casa [...] os senadores pedem que seja concedida uma liminar para determinar “a adoção de todas as providências necessárias” para a prorrogação da CPI[...] o senador Randolfê Rodrigues (Rede-AP), vice-presidente da comissão, apresentou requerimento de prorrogação dos trabalhos da CPI. [...] De acordo com Pacheco, a prorrogação não é um ato discricionário ou que dependa da vontade dele, mas sim da “condição objetiva do fato determinado” e do número de assinaturas (AGÊNCIA SENADO, 2021).

A versão final do relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito traz em seu bojo, dentre outras coisas, a recomendação de indiciamento de Jair Bolsonaro e outras 65 pessoas, além de duas empresas. O documento sugere dez possíveis delitos, entre eles epidemia com resultado de morte e crimes contra a humanidade, nas modalidades extermínio, perseguição e outros atos desumanos (BRASIL DE FATO, 2021).

Nesse contexto, e visualizando suas perdas financeiras, líderes evangélicos – como foi o caso do missionário R.R. Soares (Igreja Internacional da Graça de Deus) – utilizaram como estratégia de arrecadação de dízimos e ofertas, o discurso de que o povo da igreja não adoeceria e que os que fossem atingidos pela enfermidade seriam curados pelo poder da oração: “Corona, sai daquela pessoa no hospital agora, em nome de Jesus Cristo. [...]. A bênção chegou e todo o mal está desfeito. [...] disse na ocasião, usando máscara” (UOL, 2021) e prometendo milagres através de uma “água consagrada” (JC, 2021).

Outro religioso que disseminou a ideia mortífera de que seus fiéis não padeceriam dos efeitos da Covid-19 foi o apóstolo Valdemiro Santiago, fundador da Igreja Mundial do Poder de Deus, que perdeu um irmão para a doença¹⁰. “Não está atingindo o povo da igreja” (SOUZA,

¹⁰ O bispo Vanderley Santiago de Oliveira, de 53 anos, irmão de Valdemiro Santiago (líder da Igreja Mundial do Poder de Deus), morreu de covid-19 [...] no

2020, p.99), disse o líder da Mundial, referindo-se a uma suposta proteção espiritual contra o vírus. Valdemiro chegou a propor a venda de feijões que curariam a Covid-19. Mesmo ele negando que tenha feito isso, o Ministério Público Federal, investiga indícios de estelionato por parte do apóstolo.

O MPF afirma que os feijões não curam e são propaganda "enganosa". O pastor vendia as sementes por valores entre R\$ 100 a R\$ 1 mil, sob o argumento de que teriam eficácia terapêutica para a cura da Covid-19, mesmo em casos graves. Para o MPF, houve prática abusiva da liberdade religiosa, já que Valdemiro e a Igreja Mundial do Poder de Deus tinham o objetivo de angariar recursos financeiros com a venda das sementes (G1/SP, 2021).

Na outra vertente neopentecostal, colaborando fielmente com a necropolítica bolsonarista, o chefe da Igreja Universal do Reino de Deus – IURD – Edir Macedo, passou a construir narrativas de minimização dos riscos da pandemia e a afirmar que a mesma é “uma tática do Satanás e uma prática da mídia para a apavorar as populações e nações” (SOUZA, 2020, p.100). Nota-se a sintonia com a fala de Bolsonaro quando ele afirmou, segundo o repórter do portal Poder 360, Murilo Fagundes: “Eu não consigo fazer nada. [...] **teve esse vírus potencializado pela mídia que nós temos**, pela mídia sem caráter que nós temos” (FAGUNDES, 2021, s/p) – grifos meus. O que o Bispo Macedo diz, reforça as declarações do Presidente da República ao longo da pandemia, critica a mídia – e aqui leia-se Globo, pois é a concorrente direta da Rede Record, de sua propriedade.

Nesse sentido, a religião é utilizada como estratégia de comunicação e controle, para manter, desse modo, o caráter autoritário do atual governo, que o estudioso Fábio Py, chama de ‘cristofascismo brasileiro’.

E esse cristofascismo se estabelece porque o bolsonarismo fabrica intencionalmente uma “guerra dos deuses” a partir de uma teologia do poder sustentada na memória do cristo europeu colonizador: sacrificialista e expiatório das minorias sociais. É nessa guerra pelo Deus cristão que Bolsonaro alimenta a base do governo autoritário ao reforçar sua gestão do ideário maniqueísta. Ao se assumir como presidente dos

município de São Carlos, no interior de São Paulo (VIVA BEM, 2020).

cristãos, simplifica os conflitos políticos, que passam a se dar em embates entre bem versus mal. Nesse arranjo, a guerra dos deuses se traveste na luta entre aqueles que representam o mal – em uma alegoria caricatural dos “comunistas” ou dos “petistas” – e entre aqueles também alegoricamente expressos como cidadãos de bem (PY, 2020, s/p).

Nessa mesma linha de pensamento de Edir Macedo, está o pastor Silas Malafaia, o qual afirmou categoricamente que as atividades religiosas são tão importantes quanto as medidas de prevenção contra a doença (METRO 1, 2020). Acompanhando aqueles que têm sido considerados seus gurus religiosos, o presidente Bolsonaro assinou o Decreto nº 10.292, que altera o Decreto nº 10.282, de 20 de março de 2020, para definir os serviços públicos e as atividades essenciais, incluindo nelas, dentre outras, as “atividades religiosas de qualquer natureza, obedecidas as determinações do Ministério da Saúde” (BRASIL, 2020, s/p). A Justiça Federal entendeu que essa manobra jurídica era irregular, pois,

O decreto é um ato normativo secundário, de natureza regulamentar infralegal, que deve, portanto, obediência plena à lei, que lhe é superior, cabendo somente a esta impor obrigações e deveres de caráter geral. (...) O decreto 10.292/2020 ao inserir 'atividades religiosas de qualquer natureza obedecidas as determinações do Ministério da Saúde' e 'unidades lotéricas' como atividades essenciais o fez em contrariedade ao disposto na lei nº 7.783/1989 (NOTÍCIAS UOL, 2020).

Os líderes religiosos iniciaram uma “cruzada santa” para tentar fazer com que Estados e Municípios aprovassem decretos liberando as atividades religiosas como sendo essenciais. O presidente, obviamente, saiu em defesa dos grupos conservadores.

Cabe salientar, que a aproximação entre governo e denominações cristãs se fortalece de tal modo que muitos de seus líderes convocaram um evento para orar e jejuar contra o vírus, em defesa da Pátria e de Bolsonaro. Religiosos de denominações rivais, uniram-se “em apoio e defesa da imagem do presidente, que se desagastava diante da inabilidade no trato com as questões envolvendo a pandemia” (SOUZA, 2020, p.103). Com isso, é possível perceber que o cristão ideal é aquele que não defende a mudança de paradigmas. Ele atua no sentido de manter a ótica de mundo preestabelecida, rejeitando

tudo o que não transmite paz e segurança. Mas, na visão do pastor protestante, Henrique Vieira,

Jesus Cristo apostou no amor, o bolsonarismo aposta no ódio. Jesus Cristo apostou na paz, o bolsonarismo faz uma aposta permanente na violência. Jesus Cristo apostou no perdão, na possibilidade de recomeço para todas as pessoas, o bolsonarismo aposta na vingança. Jesus Cristo denunciou o acúmulo de riquezas e sempre esteve ao lado dos pobres, o bolsonarismo tem uma política econômica que aprofunda a desigualdade social e que explora cada vez mais o povo. Jesus Cristo nunca usou armas, o bolsonarismo aposta no armamento da população. Na verdade, o que a gente observa é que a ética do Evangelho é completamente incompatível com a proposta bolsonarista de sociedade (VIEIRA, 2021 apud REVISTA FORUM, 2021, s/p).

Dito de outro modo, afere-se que a manutenção do *status quo* torna-se a maneira de legitimar as ações do governo que transitam por aspectos político-religiosos. Apreende-se, diante do exposto, que os cristãos devem estar do lado do presidente apoiando-o na sua insana ideia de flexibilizar regras sanitárias no meio da expansão de uma violenta doença, com o intuito de manter o sistema religioso-comercial funcionando a todo vapor, mesmo que isso signifique mortes em massa. A pandemia é tratada como algo que Deus impõe aos crentes como provação – e somente a oração e o jejum são capazes de vencê-la. Assim, ela pode ser combatida pelo nome do Deus de Malafaia, de Valdemiro, de Ricardo, de Macedo e/ou de Soares. Essa leitura ultraconservadora cristã transforma o problema humano num juízo teológico que pouco se identifica com o sofrimento das pessoas. Analisando as posições teológicas do Padre Paulo Ricardo, Fábio Py, afirma que,

mesmo com a marca de 217 mil mortos, para ele (e para os bolsonaristas) é parte da “histeria coletiva” e serve muito bem de “pedagogia divina. Porque o sofrimento que “estamos passando agora, são pequenos ensaios de sofrimentos que virão para a igreja no futuro. Pode ser que não estejamos vivos para ver os sofrimentos da grande tribulação”. Assim, fecha os olhos, mesmo que abertos, para o sofrimento da pandemia, com milhares de mortos, apontando que esse é apenas um indício do sofrimento final. É isso mesmo. **Seu sadismo elitista em nome de um deus entende que a pandemia não é um momento apocalíptico, mas apenas um treino do que passaremos no futuro**

e que apenas alguns irão sobreviver. Uma típica construção teológica cristã cega das elites brasileiras (PY, 2021, s/p) – grifos meus.

Essa tese teológica fundamenta a eugenia social e biológica. Isso torna a sentença do padre Ricardo absolutamente cega às questões sociais. Entende que as mortes são fruto da ação de um ser supremo, que só quer vivos e salvos “aqueles que o seguem, os eleitos. Ou seja, operaliza a eugenia a partir da inteligência católica tal como o cristofascista que se encontra no poder” (PY, 2021, s/p).

O deputado e pastor Marco Feliciano, disse, baseado numa teoria da conspiração, que a oração e o jejum do povo cristão foram fundamentais para evitar o *impeachment* do presidente Bolsonaro, que vinha sendo modelado pela Globo, “pelos governadores de São Paulo (João Dória) e do Rio de Janeiro (Wilson Witzel) e com o auxílio dos então Ministros Henrique Mandetta e Sérgio Moro” (SOUZA, 2020, p.104). Na avaliação de estudiosos,

Mais do que o espetáculo – ou a inconstitucional mistura entre Igreja e Estado laico –, a campanha de jejum e oração vem para marcar posição em um momento em que o presidente tem sua imagem fragilizada [...] e mostrar que ainda pode contar com o apoio da sua mais forte base eleitoral [...], que se uniu, em consonância inédita na história, para apoiar sua eleição e agora seu mandato (DIP, et al, 2020, s/p apud SOUZA, 2020, p.103).

O que se percebe, portanto, é o quão evidente se tornou a interferência de alguns líderes religiosos, especialmente evangélicos e católicos conservadores, e o patrocínio destes no que se refere à consolidação e à validação moral da necropolítica atual do governo (de extrema-direita) brasileiro. Dito de outro modo: “os líderes religiosos desempenham o papel de novos coronéis da política brasileira” (MIGUEL, 2018, p.21). No que tange a necropolítica, como ação do Estado, vale ressaltar que,

A necropolítica exerce tanto as políticas de administração da vida como também políticas de administração da morte, tratando-se de ações que definem, ao mesmo tempo, o tipo de vida que são administrativamente rentáveis e por consequência, que devem ser preservadas e o tipo de vida que pode e deve ser sacrificável, deixando que seja exposta a morte (SEIXAS, 2020, p. 10 apud SOUSA, 2021, p.10)

A partir das concepções do professor de história e ciências políticas Achille Mbembe, é possível afirmar que a necropolítica (poder da morte) reconfigura profundamente as relações entre Estado e pessoa humana, de modo que persiste a subjugação da vida, utilizando-se para isso mecanismos de opressão, martírio e dizimação. O indivíduo é relegado a uma categoria que encontra-se “entre o *status* de sujeito e objeto” (MBEMBE, 2016, p.135). Pode-se afirmar que a necropolítica é uma das – o a maior das – violações de direitos humanos que existem.

CONCLUSÃO

O que se pretendeu neste artigo foi refletir brevemente sobre as atrocidades de um governo de cunho ultraconservador que assumiu um caráter genocida no decorrer da pandemia do novo coronavírus no Brasil, utilizando-se do nome do Deus cristão, para promover e fortalecer sua necropolítica. A pandemia passou a ser tratada como provação imposta por Deus para a humanidade, no intuito de que ela se purificasse dos seus pecados.

Quando se iniciou a pandemia da Covid-19 – que tem como manifestações clínicas mais frequentes: dor, febre, coriza, fadiga, tosse seca, dentre outros, podendo evoluir para um quadro de insuficiência respiratória aguda, levando o infectado à morte –, o Presidente da República, por exemplo, minimizou os riscos da doença, incitou seus apoiadores a realizar manifestações anti-democráticas, promoveu aglomerações e discursou a favor de tratamentos não-eficazes para a doença.

Diante disso, percebeu-se que a banalização da morte, a desvalorização dos mais pobres e condenação do trabalhador a uma vida medíocre ou miserável, formam os três pilares do projeto de poder em curso.

É inegável que Jair Messias Bolsonaro promoveu a desqualificação da gravidade da pandemia. Seu negacionismo diante do vírus mostrou o quanto ele despreza a vida humana. Isso expõe um projeto necropolítico horrendo que vitimiza os mais vulneráveis: povos indígenas, pessoas com deficiência, pessoas em situação de rua, pessoas que vivem com o HIV, moradores das periferias, mulheres, LGBTQIA+, pessoas em situação de asilamento, dentre outros.

Líderes religiosos conservadores são os grandes apoiadores desse governo e do seu projeto político de direita, que atua em favor de poucos, regulando a vida dos brasileiros e brasileiras por meio de pautas moralizantes, instigando o povo a participar de uma suposta luta contra o mal.

REFERÊNCIAS

- Agência Senado (2021). Senadores recorrem ao STF para garantir a prorrogação da CPI da Pandemia. Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/07/05/senadores-recorrem-ao-stf-para-garantir-a-prorrogacao-da-cpi-da-pandemia>>. Acesso em 10.07.2021.
- Barbosa, R. (2021). 45% dos evangélicos e 26% dos católicos acham Bolsonaro ótimo ou bom. Disponível em <<https://www.poder360.com.br/poderdata/45-dos-evangelicos-e-26-dos-catolicos-acham-bolsonaro-otimo-ou-bom/>>. Acesso em 15.10.2021.
- Bbc News Brasil (2020). 2 momentos em que Bolsonaro chamou covid-19 de 'gripezinha', o que agora nega. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>>. Acesso em 12.07.2021.
- Brasil de Fato (2021). Leia a íntegra do relatório final da CPI da Pandemia apresentado por Renan Calheiros no Senado. Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2021/10/20/leia-a-integra-do-relatorio-final-da-cpi-da-pandemia-apresentado-por-renan-calheiros-no-senado>>. Acesso em 25.10.2021.
- Brasil (2020). Presidência da República. Decreto nº 10.292, de 25 de março de 2020. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/D10292.htm>. Acesso em 11.07.2021.
- Carta Capital (2020). Teologia da prosperidade: O mercado da fé e a fé mercadológica. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/teologia-da-prosperidade-o-mercado-da-fe-e-a-fe-mercadologica/>>. Acesso em 20.10.2021.
- Cnn Brasil (2021). Bolsonaro critica restrições e diz que governadores devem pagar auxílio. Disponível em <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-critica-restricoes-e-diz-que-governadores-devem-pagar-auxilio/>>. Acesso em 24.10.2021.

- Cns (2020). Conselho Nacional de Saúde. Recomendação nº 036, de 11 de maio de 2020. Disponível em <<https://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/1163-recomendacao-a-o-n-036-de-11-de-maio-de-2020>>. Acesso em 25.10.2021.
- El País Brasil (2020). Pandemia expõe “necropolítica à brasileira” e uma certa elite que não vê além do umbigo. Disponível em <<https://brasil.elpais.com/economia/2020-05-08/pandemia-expoe-necropolitica-a-brasileira-e-uma-certa-elite-que-nao-ve-alem-do-umbigo.html>>. Acesso em 25.10.2021.
- Fachin, P.; Santos, J. V. (2020). Cristofascismo, uma teologia do poder autoritário: a união entre o bolsonarismo e o maquinário político sócio-religioso. Entrevista especial com Fábio Py. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/600150-cristofascismo-a-uniao-entre-o-bolsonarismo-e-o-maquinario-politico-socio-religioso-entrevista-especial-com-fabio-py>>. Acesso em 15.10.2021.
- G1. (2020). ELEIÇÕES 2020. Mais de 8,7 mil candidatos adotam títulos religiosos no nome de urna. Disponível em <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2020/eleicao-em-numeros/noticia/2020/10/01/mais-de-87-mil-candidatos-adotam-titulos-religiosos-no-nome-de-urna.ghtml>>. Acesso em 05.07.2021.
- G1/SP (2021). Justiça determina, pela 2ª vez, que Ministério da Saúde informe se feijão do Pastor Valdemiro Santiago cura Covid-19. Disponível em <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/01/05/justica-determina-pela-2a-vez-que-ministerio-da-saude-informe-se-feijao-do-pastor-valdemiro-santiago-cura-covid-19.ghtml>>. Acesso em 11.07.2021.
- Jc (2021). Quem é R.R. Soares, missionário que vendeu “água milagrosa” contra a covid-19 e está intubado com a doença. Disponível em <<https://jc.neio.uol.com.br/brasil/2021/06/12132710-quem-e-r-r-soares-missionario-que-vendeu-agua-milagrosa-contr-a-covid-19-e-esta-intubado-com-a-doenca.html>>. Acesso em 11.07.2021.
- Lopes, S. (2020). “Brasil acima de tudo, deus acima de todos” e o pseudo-arquétipo da colonização luso-jesuíta. Disponível em <<https://averdade.org.br/2020/01/brasil-acima-de-tudo-deus-acima-de-todos-e-o-pseudo-arquetipo-da-colonizacao-luso-jesuita/>>. Acesso em 06.07.2021.
- Metro 1 (2020). Coronavírus: mesmo com pandemia, Silas Malafaia diz que não vai reduzir cultos. Disponível em <<https://www.metro1.com.br/noticias/brasil/89144.coronavirus-mesmo-com-pandemia-silas-malafaia-diz-que-nao-vai-reduzir-cultos>>. Acesso em 10.07.2021.

- Miguel, L. F. (2018). A reemergência da direita brasileira. In: GALLEGO, Ester Solano (org.). *O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil*. 1ª ed. São Paulo: Boitempo.
- Mbembe, A. (2016) Necropolítica. *Arte e Ensaíos. Revista do PPGAV/EBA/UFRJ*. n. 32. Disponível em <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>>. Acesso em 25.10.2021.
- Montenegro, F. (2018). De onde vem o slogan “brasil acima de tudo”? Disponível em <<https://jornalhoraextra.com.br/coluna/de-onde-vem-o-slogan-brasil-acima-de-tudo/>>. Acesso em 06.07.2021.
- Notícias Uol (2020). Coronavírus: Justiça proíbe Bolsonaro de adotar medidas contra isolamento. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/03/27/justica-suspende-decretos-de-bolsonaro-que-liberavamigrejas-e-lotericas.htm>>. Acesso em 11.07.2021.
- O Globo-Época (2018). A costura política que uniu Bolsonaro aos evangélicos. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/epoca/a-costura-politica-que-uniu-bolsonaro-aos-evangelicos-23211834>>. Acesso em 25.10.2021.
- Opah (2020). Organização Pan-Americana de Saúde. OMS declara emergência de saúde pública de importância internacional por surto de novo coronavírus. Disponível em <<https://www.paho.org/pt/news/30-1-2020-who-declares-public-health-emergency-novel-coronavirus>>. Acesso em 22.10.2021.
- Oro, A. P.; Alves, D. (2020). Jair Bolsonaro, líderes evangélicos negacionistas e a politização da pandemia do novo coronavírus no Brasil. *Sociedad y religión*. nº 54, vol. XXX, pp. 121-147. Disponível em <<http://www.ceil-conicet.gov.ar/ojs/index.php/sociedadylreligion/article/view/728/609>>. Acesso em 14.11.2021.
- Py, Fábio (2020). Cristofascismo em 7 atos: como Bolsonaro usou a alegoria da Páscoa para não perder popularidade. Disponível em <<https://theintercept.com/2020/05/01/cristofascismo-bolsonaro-pascoa/>>. Acesso em 15.10.2021.
- Poder 360 (2021). Bolsonaro diz que Brasil está “quebrado” e que mídia “potencializa” vírus. Disponível em <<https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-diz-que-brasil-esta-quebrado-e-que-midia-potencializa-virus/>>. Acesso em 11.07.2021.
- Poder 360 (2021a). Há 5 anos, Câmara abria impeachment de Dilma e Bolsonaro louvava Ustra. Disponível em <<https://www.poder360.com.br/historia/ha-5-anos-camara-abria-impeachment-de-dilma-e-bolsonaro-louvava-ustra/>>. Acesso em 11.07.2021.

- Py, F. (2021). Padre Paulo Ricardo: cavaleiro de batina do apocalipse pandêmico. Disponível em <<https://midianinja.org/fabiopy/padre-paulo-ricardo-cavaleiro-de-batina-do-apocalipse-pandemico/>>. Acesso em 15.10.2021.
- Py, F. (2020). Jovens evangélicos de esquerda: potência de novos rostos da política brasileira. Disponível em <<https://midianinja.org/fabiopy/jovens-evangelicos-de-esquerda-potencia-de-novos-rostos-da-politica-brasileira/>>. Acesso em 15.10.2021.
- Revista Forum (2021). Bolsonaro é um cristão deste cristianismo que mataria Jesus. Disponível em <<https://revistaforum.com.br/brasil/bolsonaro-e-um-cristao-deste-cristianismo-que-mataria-jesus/#>>. Acesso em 15.10.2021.
- Rosário, L. (2020). A Necropolítica Genocida de Bolsonaro em tempos de Pandemia e o Projeto Ultra-Neoliberal. *Rev. Interd. em Cult. e Soc. (RICS)*. v. 6, n. 2, p. 28-49. Disponível em <<http://www.periodicoselétronicos.ufma.br/index.php/ricultsociety/article/view/15815/839>>. Acesso em 10.07.2021.
- Sousa, A. H. F.; Vettorassi, A.; Andrade, P. (2021). A Doxa Conservadora no Brasil: mídia evangélica e eleições presidenciais em 2018. *Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura*. v. 15, n. 28, p. 115 - 139. Disponível em <<https://seer.ufs.br/index.php/pontadelanca/article/view/16044>>. Acesso em 24.10.2021.
- Sousa, C. R. de M. (2021). A pandemia da COVID-19 e a necropolítica à brasileira. *Revista de Direito*, [S. l.], v. 13, n. 01, p. 01-27. DOI: 10.32361/20213011391. Disponível em <<https://periodicos.ufv.br/revistadir/article/view/11391>>. Acesso em 25.10.2021.
- Souza, M. (2020). Brasil acima de tudo, Deus acima da vida: bolsonarismo, alianças eleitorais e o debate sobre a essencialidade das atividades religiosas em tempos de pandemia. *Revista Ambivalências*. v. 8. n. 16. pp.88-106. Disponível em <<https://seer.ufs.br/index.php/Ambivalencias/issue/view/1051>>. Acesso em 01.07.2021.
- Stf (2021). Supremo Tribunal Federal. Plenário confirma liminar para determinar ao Senado Federal instalação da CPI da Pandemia. Disponível em <<http://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=464162&ori=1>>. Acesso em 12.07.2021.
- Tce/ms (2021). Tribunal de Contas do Estado de Mato Grosso do Sul. Fome no Brasil é drama diário de 19,3 milhões. Disponível em

- <<http://www.tce.ms.gov.br/noticias/artigos/detalhes/6241/fome-no-brasil-e-drama-diario-de-19-3-milhoes>>. Acesso em 20.10.2021.
- Uol (2021). Internado com covid-19, R.R. Soares anunciou água consagrada como cura. Disponível em <<https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2021/06/05/internado-com-covid-19-rr-soares-anunciou-agua-consagrada-como-cura.htm>>. Acesso em 12.07.2021.
- Uol (2020). Quais os riscos de adotar só o isolamento vertical, proposto por Bolsonaro. Disponível em <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/03/25/quais-os-riscos-de-adotar-o-isolamento-vertical-proposto-por-bolsonaro.htm>>. Acesso em 25.10.2021.
- Viva Bem (2021). Irmão do apóstolo Valdemiro Santiago morre de covid-19 em São Carlos (SP). Disponível em <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/06/29/irmao-valdemiro-santiago-ovid-19-sao-carlos.htm>>. Acesso em 12.07.2021.